

# APRESENTAÇÃO

## RELIGIÕES E PENSAMENTOS MINORITÁRIOS

**Gabriel Banaggia**

Doutor em Antropologia pelo Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pós-doutorando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

A lista de temas suscitados por contribuições nas ciências sociais dedicadas ao assunto “minorias religiosas” frequentemente envolve violência com motivação religiosa, estigma e preconceito, bem como correlações entre discriminação étnica e religiosa. Por mais que esses temas não estejam de modo algum ausentes dos textos presentes no dossiê aqui apresentado, chegando mesmo a, numa primeira visada, dar as tônicas de alguns, eles são acompanhados por outros que nem sempre têm reconhecida a igual monta de sua relevância. Entre eles figuram, por exemplo, o diálogo inter-religioso, as elaborações e produções criativas internas a cada manifestação religiosa, e as maneiras como cada religião se apresenta e procura ser encarada por segmentos não religiosos.

Apesar de ser um dos campos de investigação fundacionais das ciências sociais, muitas vezes “religião” acabou sendo considerado um tópico menor no interior de disciplinas como a antropologia e a sociologia, seja porque remetia justamente a momentos em que estas não estavam institucionalizadas, seja porque seria o caso de deixá-lo progressivamente cada vez mais de lado, em função do diagnóstico de que seria a própria religião um domínio refratário à propalada e inexorável modernidade que, nos julgamentos de seus críticos mais severos, seria um dia devidamente varrido da face do planeta (LAMBEK, 2012).

De modo menos ambicioso, mas ainda bastante significativo, as vertentes majoritárias da sociologia e da antropologia que previram o desaparecimento da religião como categoria de análise relevante às ciências sociais, na segunda metade do século XX, em geral o fizeram por terem considerado o conceito de classe como o único verdadeiramente relevante para a análise (e eventual superação) de um conjunto específico de desigualdades sociais. Ressalte-se que essa espécie de previsão condenatória, que de modo evidente se imaginava igualmente performativa, quer o admitisse ou não, partiu inclusive de perspectivas vinculadas aos mais diversos espectros político-ideológicos.

Este dossiê se estrutura de modo distinto, uma vez que sua proposta envolve estudar fenômenos religiosos diversos antes de tudo em sua singularidade própria, sem precisar delimitar de antemão nem mesmo o que constituiria a face social da religião (LATOUR, 2005, p. 233). Ao mesmo tempo, sua ideia motriz era a de tampouco deixar de lado as especificidades das reflexões das ciências sociais, apreendendo a religião como acontecimento, guardando, contudo, uma diferença de perspectiva em relação aos modos com que operam as vertentes majoritárias da teologia no interior da academia.

A elaboração deste dossiê foi inspirada igualmente numa série de recentes publicações de fôlego que têm demonstrado a atualidade e a relevância do debate em torno da religião na contemporaneidade, apresentando análises profundas e de extrema competência, destinadas a alimentar tanto a discussão acadêmica quanto o debate público de maneira altamente qualificada. Entre as muitas obras a esse respeito que se poderia elencar, destacam-se nesta apresentação



*The political anthropology of ethnic and religious minorities*, coletânea editada por Arpad Szakolczai et al. (2019); *Conexões entre religião e política: as estratégias discursivas e a atuação da Frente Parlamentar Evangélica*, de Rafael Bruno Gonçalves (2017); *Religião, educação e política: ensaios sobre os (des)comportamentos da sociedade brasileira*, organizada por Hiran Pinel e Nelson Lellis (2019); *Religiões e intervenção política: múltiplos olhares*, organização de Angelica Tostes e Claudio de Oliveira Ribeiro (2020); e especialmente *Intolerância religiosa*, de Sidnei Nogueira (2020).

De modo a ingressar com uma perspectiva original num debate possivelmente tão multifacetado, de qualquer maneira, optou-se aqui por estruturar uma proposta em torno da concepção sócio-filosófica de minoritário, compreendida como uma forma específica de se expressar a ideia de devir (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 53). O conceito de minoritário aqui serve então à distinção entre sistemas mais homogêneos e constantes, majoritários, portanto, mas igualmente o minoritário como algo de início distinto da noção de minoria, uma vez que esta seria referente a um subsistema qualquer, em geral enquadrado justamente de um ponto de vista majoritário. Seguindo a pista deixada por Guattari e Rolnik (1996, p. 73), trata-se assim de lidar com uma espécie de densidade particular que pode estar presente em todas as engrenagens da sociedade, ainda que diferencialmente singularizada por coletivos distintos, incluindo mesmo as minorias que se locomovem no seio das grandes religiões de Estado.

Assim, o minoritário informa aqui as conexões possíveis entre duas ordens de fenômenos. De um lado, religiões historicamente vinculadas a segmentos minorizados da população brasileira, como é o caso das religiões de matriz africana (que, no arguto dizer de uma de suas lideranças, continuam sendo religiões negras mesmo que contem com a presença de pessoas brancas, cf. EUGÊNIO, 2017). De outro, trata-se de pensar o minoritário no interior mesmo de religiões majoritárias, assim consideradas seja de modo comparativo seja em termos mais absolutos, ouvindo e aprendendo com as vozes internas a esses universos a respeito de suas reconfigurações e adversidades próprias. Unindo a ambas, então, está a ideia de apreender o minoritário sobretudo como um processo, um determinado continuum de variação capaz de escapar, das mais diferentes maneiras, aos sistemas de poder mobilizados por toda maioria.

Dessa maneira, as autoras e os autores que atenderam ao convite para participar deste dossiê se dedicaram a escrever sobre temas bastante diversos, tais como devoções católicas populares, violência com motivação religiosa, princípios existenciais do candomblé, meios de se subverter dualismos causadores de sujeição, modos como se relacionam ciência e religião, e cruzamentos entre diferentes vertentes religiosas minoritárias. As localidades que os textos colocam em cena são igualmente variadas, e a maior parte deles partiu de pesquisa empírica própria, com etnografias realizadas em diversas regiões do país, abrangendo os seguintes estados: Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. As conclusões a que os textos chegam, evidentemente, se referem mais diretamente aos contextos em que as



pesquisas foram elaboradas, mas apontam de modo comparativo para estruturas de pensamento e organização que se estendem, cada uma a seu modo, por todo o território nacional.

Centrado principalmente em contribuições de cientistas sociais, mas mobilizando referências de diversas áreas do saber além da antropologia e da sociologia, como a história, a educação e mesmo ciências da saúde, o conjunto de textos mostra um panorama múltiplo abordado com originalidade, contribuindo para a apreensão do fenômeno religioso em sua especificidade. Aqui cabe chamar atenção também para o modo como alguns artigos tratam a literatura religiosa, lidando com produções de autores vinculados às religiões apresentadas de modos singulares. Por um lado, sem apreendê-las como meros reflexos sociológicos atribuídos a estruturas que forneceriam seu motor primeiro, atentando para a criatividade própria envolvida em sua elaboração. Por outro, sem perder de vista sua especificidade, ao ter o cuidado de não imaginar que essas produções partem dos mesmos pressupostos que regem textos na academia – nem que são lidas da mesma maneira que os textos que mais circulam no interior dos meios universitários.

Assim é que vemos como em “Um povo nômade”, texto que abre o dossiê, Edgar Rodrigues Barbosa Neto, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), oferece uma sofisticada investigação sobre a trajetória de perseguição a uma das principais divindades das religiões de matriz africana no Brasil. Nesse artigo, o autor aponta para as formas de reconfiguração da imagem dessa divindade, numa espécie de contínuo e novo tratado cósmico (no duplo sentido que o primeiro termo da expressão admite), com consequências epistemológicas e políticas muito concretas e distintas daquelas que o racismo estrutural historicamente lhe relegou. Simultaneamente, Barbosa Neto convida o leitor a enfrentar de forma singular determinadas divisões estruturantes à dicotomização do pensamento, lidando com elaborações empíricas que ao mesmo tempo traduzem e estão na origem de sofisticadas ferramentas conceituais, como é o caso das ideias de síntese disjuntiva e de multivalência da alteridade, para ficar em dois exemplos.

Um tema bastante parecido mobiliza o artigo “Ciência e/ou religião: esboço do paradoxo espírita em três atos”, de Gustavo Ruiz Chiesa, professor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), ainda que num campo etnográfico consideravelmente distinto. Tendo por foco as experiências de cura espiritual, bem como as reflexões nativas a respeito delas, Chiesa se dedica a pensar como é justamente o desafio à clivagem apresentada pela modernidade como sendo uma oposição inegociável que termina por compor uma das bases cruciais do pensamento espírita. O texto dedica especial atenção ao papel da materialidade no espiritismo, tratando com rara sensibilidade as interseções inescapáveis entre eficácia material e estética para a operação da cura nessa religião, que vê a medicina espiritual como uma arte.



Por sua vez, o texto “Algumas considerações sobre o candomblé na Bahia”, de Clara Flaksman, professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também aborda a fragilidade de uma oposição que parte do pensamento ocidental enrijece, desta vez entre os significados atrelados aos verbos “ser” e “ter”. Com base em extensa pesquisa empírica, fruto de trabalho de campo num dos mais tradicionais templos afro-baianos, a narrativa de Flaksman a respeito do conceito de “enredo” é ela própria construída de modo a cativar quem a lê, uma vez que as proposições da autora são habilmente entrecortadas pelas elaborações e enunciações de interlocutoras e interlocutores que, por seu turno, a conquistaram.

Mobilizando um recurso bastante similar, o artigo “O Divino em um território quilombola no Maranhão”, de Maria da Consolação Lucinda, pesquisadora associada na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), também apresenta uma série de meditações nativas, dando preferência às paráfrases em vez de citações diretas. A opção se conecta às escolhas discursivas da própria população quilombola com quem Lucinda realizou trabalho de campo, que vinculam de maneira tão original quanto potente suas reivindicações de reconhecimento territorial e sua tradicional participação e manutenção da devoção na Festa ao Divino Espírito Santo.

Coincidentemente, o texto seguinte, “Encontros entre tambor da mata e tambor de mina a partir do terecô de Codó no Maranhão”, de Barbara Pimentel da Silva Cruz, doutoranda pelo Museu Nacional (UFRJ), apresenta uma pesquisa realizada em local bastante próximo, porém aqui o catolicismo está presente somente em terceiro plano. A ênfase de Cruz recai sobre modos de alternância próprios às vertentes religiosas singulares em apreço, fornecendo com isso uma exposição sistemática ao mesmo tempo que original a respeito do tema do sincretismo religioso, marcando bem os modos como esse fenômeno pode ser compreendido de modo mais pujante quando se escapa a sua designação como simples reação.

Uma contribuição igualmente livre de simplismos é oferecida pelo último artigo, “Dinâmicas de negociação e conflito entre terreiros e traficantes evangelizados nas favelas cariocas”, de Carolina Rocha, doutoranda pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Fruto de minuciosa pesquisa em curso, envolvendo tanto apreciação bibliográfica quanto pesquisa empírica, o texto de Rocha parte de uma caracterização específica concebida pela autora para enfrentar a difícil questão de se realizar trabalho de campo abordando a temática da violência com motivação religiosa. Com isso, a autora consegue também delimitar uma agenda de pesquisa promissora e fornecer insumos para o combate à intolerância.

O dossiê se encerra, contudo, com uma entrevista com Ronilso Pacheco, teólogo graduado pela PUC-Rio e atualmente mestrando na Columbia University, em Nova York. Pacheco é um dos mais importantes expoentes da teologia negra no Brasil, e nesta entrevista



aborda uma série de temas caros a diversas formas religiosas contemporâneas no país, falando também sobre sua recente experiência em contato com igrejas historicamente negras nos Estados Unidos, mas enfatizando vozes que oferecem tons distintos no interior da experiência cristã brasileira, em geral, e as que circulam no caleidoscópico panorama evangélico nacional, em particular. Realizada remotamente em outubro de 2020, porém sem ser explicitamente pautada pelo contexto da pandemia global, a entrevista finaliza com uma importante mensagem de esperança em meio a um cenário de incertezas, lembrando um dos papéis mais recorrentes do fenômeno religioso de maneira geral.

Se, como as contribuições deste dossiê buscam evidenciar, tanto a religião quanto a ciência, incluindo as que tratam daquela, podem ser descritas como sistemas de pensamento e de práticas disciplinadas, as pessoas vinculadas a esses domínios do saber precisam lidar, mesmo que de modos distintos, com questões ligadas a avaliações morais e sobre seus pressupostos a modos organizados de ver e lidar com o mundo (VELHO, 2005). Além disso, estão em jogo sistemas que podem ser compreendidos como forças políticas capazes de apoiar, contrariar ou serem englobadas pelo Estado e pelo mercado. O desafio teórico aí posto parece ser o de como equilibrar tais percepções com o reconhecimento de que a religião também pode ser um dos poucos lugares a partir dos quais é possível existir de uma maneira politicamente diversa, ou seja: considerar a religião ao mesmo tempo sem politizá-la nem despolitizá-la em excesso (LAMBEK, 2012).

Talvez residam aí as bases de uma proposta distinta, tributária das perspectivas minoritárias que lidam com os fenômenos religiosos, para quem deseja oferecer uma resposta contundente à recente pecha de “guetificação identitarista” que tem recaído sobre os movimentos sociais mais diversos na contemporaneidade. Posto que, ao subsumir, sob rótulos como este, iniciativas que têm por base a reivindicação do reconhecimento de suas singularidades, a crítica que se pretende politicamente relevante acaba por contribuir é com o silenciamento dessas vozes em vez de sua propalada conscrição rumo à diminuição das desigualdades. Como há tanto tempo escreveu Audre Lorde (1984, p. 114), como lidar com uma sociedade em que se espera das pessoas mais oprimidas que se desdobrem para construir as pontes entre o presente de suas vidas e as consciências daquelas que as subjagam?

O que se pode aprender, então, com os devires minoritários que atravessam e que são mobilizados por minorias diversas é que elas não necessariamente, e em geral, na verdade, dificilmente, aspiram tornar-se majorias. A avaliação inversa a isso demonstra não conseguir abandonar a perspectiva hierarquizante, pois só considera encarar as singularidades como versões inferiores de si própria, que só enxerga em outrem as deficiências que julga não possuir.



O que os coletivos minoritários almejam e professam, isso sim de modo decisivo, é o direito a existirem plenamente em sua diferença, é o reconhecimento puro e simples de que o mínimo inegociável de que seus modos de existência devem dispor é de respeito.

## Referências

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 2.
- EUGÊNIO, R. W. *Sobre capoeira gospel, bolinho de Jesus e afins*. 2017: Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-capoeira-gospel-bolinho-de-jesus-e-afins/>>. Acesso em: 8 out. 2020.
- GONÇALVES, R. B. *Conexões entre religião e política: as estratégias discursivas e a atuação da Frente Parlamentar Evangélica*. Porto Alegre: Fi, 2017.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LAMBEK, M. Facing religion, from anthropology. *Anthropology of this century*, n. 4, maio 2012. Disponível em: <<http://aotcpress.com/articles/facing-religion-anthropology/>>. Acesso em: 8 out. 2020.
- LATOUR, B. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- LORDE, A. Age, race, class and sex: women redefining difference. In: *Sister outsider: essays and speeches*. Berkeley: Crossing Press, 1984. p. 114-123.
- NOGUEIRA, S. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Pólen Livros, 2020.
- PINEL, H.; LELLIS, N. (Orgs.). *Religião, educação e política: ensaios sobre os (des)comportamentos da sociedade brasileira*. São Paulo: Recriar, 2019.
- SZAKOLCZAI, A.; HORVATH A.; PAPP, A. Z. (Eds.). *The political anthropology of ethnic and religious minorities*. Abingdon: Routledge, 2019.
- TOSTES, A.; RIBEIRO, C. de O. (Orgs.). *Religiões e intervenção política: múltiplos olhares*. São Paulo: Recriar, 2020.
- VELHO, O. Comentário a “Não congelarás a imagem”, de Bruno Latour. *Mana, Estudos de Antropologia Social*, v. 11, n. 1, p. 297-310, 2005.